

## DO PÚLPITO ÀS MASSAS: FRAGMENTAÇÃO, AMPLIAÇÃO E SURGIMENTO DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NA BUSCA POR NOVAS TERRITORIALIDADES NO CATOLICISMO BRASILEIRO

Emilio Tarlis Mendes Pontes  
[tarlispontes@gmail.com](mailto:tarlispontes@gmail.com)

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco  
Bolsista da FACEPE

### RESUMO

Neste ensaio é discutida a questão das territorialidades de lideranças religiosas expressamente vinculadas à Igreja Católica no Brasil, onde é abordada a utilização dos espaços e seus métodos até meados do século XX e as alterações que advieram desse período e que continuam em voga, preceituando o conceito do *'believing without belonging'* e as dimensões *pathein* e *mathein*. Fundamentado a partir de conceitos correlativos, se quer dilatar o diálogo da Geografia com os fenômenos religiosos vivenciados íntima e socialmente em praticamente todos os povos. Não se trata de um relato histórico de todas essas mudanças, mas uma análise e comparação das práticas seculares com as estratégias de ação e as novas territorialidades.

**Palavras-chave:** território, territorialidade, religiosidade popular.

### FROM THE PULPIT FOR THE PEOPLES: FRAGMENTATION, ENLARGEMENT AND THE EMERGENCE OF RELIGIOUS PRACTICES IN THE SEARCH FOR NEW TERRITORIALITIES IN BRAZILIAN CATHOLICISM

### ABSTRACT

In this essay it is presented and discussed the territorial question of religious leaderships expressly linked to the Catholic Church of Brazil, where it is addressed the utilization of the spaces and their methods at about the middle of the century XX and the consequent changes of this period and that still in vogue, as well as says the concept of *believing without belonging* and the dimensions *pathein* and *mathein*. Based in the correlatives concepts if desired to expand the Geography's dialogue with the religious phenomena intimate and socially lived in practically all towns. It is not an historical narrative, but an analysis and comparison of the secular practices with the strategies of action and the new territorialities.

**Keywords:** territory, territoriality, popular religiosity.

### INTRODUÇÃO

“O homem além de *sapiens, volens, socialis, faber, loquens* e *ludens* é também *homo religiosus*” (MONDIN, 1980, p. 218)

O ser humano é, em sua essência, *homo religiosus*, o que significa uma categoria existencial com uma concepção religiosa e intensidades diversas. Assim o preceitua Mondin (1980) afirmando que a dimensão religiosa se impõe como uma constante do ser humano, até quando não é desenvolvida por todos os indivíduos.

A vida é um ato religioso, algo íntimo do ser humano. Dessa maneira, surgem espaços considerados como sagrados (hierófanos) que lhe são familiares e no qual se sentem situados. Dentro desses espaços, ao longo da História, constituíram-se instituições que se apropriaram e conduziram milhões de seguidores, em diversos credos. Nessa paleta de crenças e religiões, o Catolicismo desenvolveu-se com mais intensidade no mundo Ocidental e, especialmente na América Latina, foi partícipe – para o bem ou para o mal – de um processo de crescimento e consolidação de diversos valores éticos impregnados na sociedade.

---

Recebido em 16/08/2010

Aprovado para publicação em 07/05/2011

Por tudo isso, nos últimos decênios, determinadas questões que envolvem Religião tem sido objeto de estudo por parte da Geografia, entre elas as peregrinações e romarias, as hierópolis, a influência das igrejas no espaço vivido ou mesmo a religiosidade popular como expressão cultural do espaço geográfico.

O propósito deste ensaio é analisar as recentes mudanças nos espaços de influência de líderes religiosos no Brasil, notadamente os profetas do credo católico, majoritário no país, dentro da dualidade espiritual e social, sentimento (*pathein*) e pensamento/entendimento (*mathein*) marcante nos campos de ação e estratégia dessa Instituição milenar e que possui um vínculo indissociável no seio da sociedade brasileira, sejam ou não os seus seguidores necessariamente frequentadores de templos ou uma grande massa que exerce sua religiosidade no cotidiano e em seu lugar de vida (*believing without belonging*), com práticas nem sempre institucionalizadas pelas religiões oficiais, mas que se identificam e se dizem pertencentes – identificação essa culturalmente marcante nessa sociedade.

As discussões que envolvem Religião sempre encontram imensas dificuldades, pois estão inseridas nos contextos subjetivo-comunitários, sócio-históricos e culturais que abarcam, primordialmente, crença (entendido como um conjunto de proposições) e/ou fé (as crenças neste conjunto).

As três maiores religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) estão relacionadas, conforme Armstrong (2008), diretamente com a questão da palavra, pois o Deus de qualquer destas crenças, de alguma forma 'fala', ou seja, a palavra possui um papel crucial e tem moldado diversas culturas ao longo da história da humanidade. Essa palavra é utilizada por aqueles que, conforme apregoa as próprias Instituições, falam em nome de Deus (profetas): atualmente designados como lideranças religiosas.

Essa questão aqui tratada tem relevância por considerar que o Brasil possui um vínculo histórico com as práticas religiosas e todo seu desdobramento sócio-cultural. É conveniente ressaltar que recentes pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do DataFolha e da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que 64 % da população brasileira se considera católica, dando o título ao Brasil de maior país católico do mundo. Porém, esta porcentagem já foi bem superior e vem caindo progressivamente nas últimas décadas, como apontam diversos estudos (CAMPOS, 2008; GIL FILHO, 2008; BARBOSA, 2010).

## **GEOGRAFIA E TERRITORIALIDADE DA RELIGIÃO**

Na perspectiva da Geografia, de acordo com o pensamento de Rosendahl (2005), a Religião tem como foco os conceitos de sagrado e profano, principalmente os fundamentados por Eliade (2001) e analisados numa abordagem geográfica pela própria Rosendahl (1996; 1997; 2001). Esta autora visualiza-os a partir de uma maneira própria de hierocracia, isto é, o poder do sagrado manifesto por uma organização territorial.

Segundo a autora, ao reconhecer a instituição religiosa como agente que pode modelar o espaço, é preciso entender a forma e a intensidade do poder que esse agente possui. O surgimento de novos territórios e a fragmentação de outros abarcam várias localizações nacionais e internacionais, próximos da maneira que agem as grandes corporações financeiras.

Territorialidade pode ser definida como uma estratégia de controle com vínculo no contexto social onde está inserida. Supõe-se que o poder e sua manutenção não levam em conta o tamanho da área que vai ser dominada ou o caráter quantitativo do dominador. A territorialidade é desse modo uma estratégia de controle. É fundamental entender o fenômeno religioso nessa conjuntura: interpretar a forte estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição, gerando seus territórios (ROSENDAHL, 2005).

Sendo assim, a territorialidade religiosa é entendida como diversas práticas realizadas por instituições ou grupos para controlar certo território, onde a implicação do poder do sagrado traduz uma identidade de fé e um sentimento de propriedade comum. A territorialidade é robustecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo nutre no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território. É pelo território que se torna visível a relação simbólica que existe entre cultura e espaço (*op. cit.*, 2005).

No Brasil, a territorialidade da Igreja Católica é representada por territórios vastos, vazios ou não muito bem administrados por suas lideranças religiosas. Como instituição religiosa tradicional que é a Igreja Católica, essa também age como empresa, tendo uma dimensão econômica que procura estabelecer as normas de sua continuidade. Os seus líderes, no caso, os padres e bispos, possuem o monopólio “dos cargos e encargos das instituições religiosas e suas devidas repercussões financeiras” (GIL FILHO, 2008, p. 51).

A articulação das territorialidades é expressa por espaços onde estão inseridos os templos, os santuários e também as estruturas de gestão e ação social das religiões. A igreja “é o marco do espaço construído e de significação simbólica da presença do sagrado” (*op. cit.*, p. 119). Diante do sagrado o homem religioso pratica sua fé e é a hierarquia constituída da Igreja que exerce o poder sacro, mantido por normas aplicadas àquele espaço sagrado.

A Igreja é o local do encontro: reunião e memória; lugar e comunidade; sagrado e social; materialidade e conteúdo imbricados pelas relações de poder onde se apropriam do lugar e dos atores sociais, alterando o lugar em território e submetendo-o. Seu campo de ação é a escala: a dimensão da atração simbólica cristalizada na comunidade com as práticas religiosas em uma área territorial delimitada, nela está a ação, a gestão e a apropriação do sagrado, tudo isso fruto da missionariedade da Igreja Católica (*op. cit.*, 2008).

Para Gil Filho (2008) são duas as estruturas da territorialidade católica. As primeiras são as de base, onde interagem o povo e a Igreja representada pelo clero. Estão estruturadas pelas paróquias (que organizam a pastoral) e possuem uma dimensão social legitimada pela ação do poder institucional sob a forma de território. É na escala local onde as ações institucionais se realizam e se reconhecem. Outra parte dessa base é a escola, onde ocorre a formação e a difusão evangelizadora. Ainda podem existir os hospitais e as instituições beneficentes que procuram legitimar o discurso e a ação social. Por fim, as hierofanias institucionalizadas: os lugares sagrados de peregrinação.

A segunda estrutura é a que deriva da gestão político-administrativa, ou seja, as dioceses/arquidioceses (territórios sob a jurisdição e autoridade de um bispo/arcebispo) ou em menor escala as prelazias, abadias, eparquias, ordinariados militares e exarcados. Além destas, existe a Conferência do Episcopado Nacional e Continental, reunindo os bispos do país e/ou do continente. Outras estruturas existentes são os institutos teológicos, seminários e casas de formação onde é realizada a preparação do futuro clero.

Dessa maneira, a “territorialidade católica se constitui na articulação das estruturas de base com as estruturas derivadas e sua colagem no cotidiano da sociedade, pela ação de um clero especializado, detentor da legitimidade e do exercício do poder da Igreja” (*op. cit.*, p. 125). Essa identidade católica em nosso país, mesmo tendo raízes bem fincadas historicamente, possui uma relativa ligação com as práticas religiosas sincréticas, oriundas da miscigenação característica da formação do Brasil, principalmente advindas das religiões e crenças afro descendentes.

Com isto posto, a seguir serão analisadas essas fragmentações e o surgimento de novas territorialidades na perspectiva das mudanças correntes e utilizadas por diversos líderes dessa Igreja, principalmente por conta da abertura pastoral propiciada documentalmente pelo clero a partir de meados do século XX, sua inserção nos meios de comunicação de massa e suas implicações entre seus adeptos.

### **AMPLIAÇÃO DE ESPAÇOS: O ALTAR COMO PALCO**

É uma marca própria da Igreja Católica o fato de investir na comunicação. Desde seu nascedouro que a evangelização entre os povos foi uma tônica para sua expansão e propagação, isto é, a transmissão do seu *kerygma*: “o ensinamento público da Igreja, que pode ser expresso clara e racionalmente” (ARMSTRONG, 2008, p. 496).

No Brasil, até meados do século XX, as atividades paroquiais e desobrigas (quando essas eram organizadas por determinados grupos religiosos) determinavam não somente os territórios, mas, sobretudo, a territorialidade na perspectiva da atuação de dezenas de confrarias, congregações, missões e reverendos seculares ou religiosos estabelecidos no país. Sob forte influência do estilo de atuação do catolicismo europeu e esse propalando um discurso baseado em penitências e punições (típico das congregações mendicantes), reforçado pelo movimento fundamentalista cristão (com entusiasmo extremista e apocalíptico) iniciado nos anos de 1960, muitos líderes

religiosos impuseram nas linhas pastorais e catequéticas direcionadas ao povo o temor e/ou o medo do inferno, como destino para as almas que não se convertessem e aderissem ao catolicismo, isso tudo reforçado no conceito amplamente divulgado de pecado. Essa imagem de um divino tirano impondo leis estranhas aos seus servos humanos tendeu a diminuir, pois aterrorizar o povo com ameaças para levá-lo a ter obediência até mesmo civil não pode mais ser aceitável ou viável em um mundo pós-moderno (*op. cit.*, 2008).

Não por acaso, o grande símbolo é a cruz do Cristo “sofredor”. Em sua obra, Souza (2000) analisa o simbolismo da cruz como corporificação do poder metropolitano e da colonização, em que as classes mais abastadas viam na figura de Cristo um branco aristocrático e não um pobre com pouca identificação sócio-cultural. Esses símbolos do culto religioso vão impregnando-se nas culturas locais e fornecem a elas uma identidade forte (ROSENDAHL, 2003). É o caso, por exemplo, da cruz/crucifixo para a cultura popular religiosa nacional, além de vários outros representativos de variadas religiões, como a Lua Crescente para o islamismo e a Estrela de Davi para o judaísmo.

Na sociedade ocorrem relações entre religiosidade e o cotidiano em dadas culturas. Nestas é possível fazer identificações objetivas das práticas que, por sua vez, estruturam um *habitus* religioso, baseado exatamente nessas manifestações. Por isso:

“trata-se de um conhecimento adquirido a partir de uma prática, mas que também indica um capital simbólico incorporado pelo sujeito. Subsequentemente, à caracterização do *habitus*, este é projetado em um sistema de representações articuladas e classificadas em práticas, as quais tanto são percebidas como concebidas. Sendo assim, torna-se possível a identificação e a classificação de práticas religiosas em diferentes contextos culturais e diferentes sistemas simbólicos incorporados a uma identidade religiosa específica. Então, o *habitus* religioso permite identificar uma caracterização específica do modo de vida” (GIL FILHO, 2008, p. 55).

Como herança religiosa histórica no Brasil esse *habitus* reflete uma maioria associada ao catolicismo romano, ainda que em declínio. Conforme afirmação do próprio Gil Filho (2008) a religião oferece suporte contra os impulsos anárquicos do ser humano, formando raízes com a vida de inúmeras gerações. Contudo, na forma coercitiva da religião, entram as relações de poder e essas relações estão diretamente vinculadas aos líderes religiosos, no caso em questão, o clero católico, que tem uma tendência a monopolizar a pregação sobre a virtude “como forma de perpetuar a legitimidade da instituição religiosa diante da sociedade” (*op. cit.*, 2008, p. 57).

Na história das estruturas de territorialidade derivada do catolicismo, reclusão, anomia, inacessibilidade, mística, indumentária e lares introspectivos formatavam um modo de vida onde as figuras religiosas pareciam estar em outro plano, mais elevadas que o restante do povo. O lado humano e pessoal ficava quase plenamente velado, quando não totalmente, principalmente relacionado ao universo religioso feminino, *vide* o caso das monjas enclausuradas.

Foi a partir do Concílio Vaticano II (CV II) realizado em Roma entre 1962 e 1965, convocado pelo Papa João XXIII, que novas propostas de abertura e busca por maior participação dos chamados “fiéis” começaram, paulatinamente, a ganhar forma de estratégia de ação. Documentalmente, a constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) em seu capítulo I “Princípios Gerais em Ordem à Reforma e Incremento da Liturgia” no subitem “Instauração da Sagrada Liturgia” estabelece que os textos e a liturgia católica expressem com mais clareza as “coisas santas que significam e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, ativa e comunitária” (SC, 21).

Outra questão abordada no Concílio Vaticano II, decorrente dessa nova visão eclesiológica, trata-se do entendimento, embora bastante tardio, que a Igreja não presume somente o clero, mas é primordialmente constituída pelo povo. Com isso, traz a questão pastoral a partir das diversas outras necessidades que a sociedade tem, não se restringindo as espirituais.

Dessa maneira foi iniciado um modo diferente nas relações entre os detentores do poder religioso e seus seguidores. Como marcos nesse processo está a vernacularização da liturgia e a disposição frontal dos celebrantes para o povo durante a realização de algumas cerimônias, mormente a missa, que é o principal culto do catolicismo. A retirada do véu do latim trouxe maior compreensão sobre o se versava no *Missale Romanum* cotidianamente e que não era do entendimento da grande maioria.

Dentre as muitas mudanças ocorridas na década de 1960 que refletiram no Brasil, sob forte efeito das novas observâncias conciliares, um marco foi a criação da Campanha da Fraternidade, em 1964, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que é um evento anual promovido no tempo quaresmal, correspondente no calendário civil ao período entre a quarta-feira de cinzas e a semana santa, geralmente entre fevereiro e março/abril. A Campanha da Fraternidade trouxe temas e questões populares anteriormente não debatidos (habitação, educação, ecologia, saúde, fome, terra, violência, família, política etc.) para discussão e busca de estratégias de ação que procurassem efetivar gestos concretos, ao menos em teoria, exemplificados com as coletas nas igrejas que devem ser revertidas em programas de promoção social nas devidas entidades atuantes em cada área relacionada, de acordo com a temática discutida em cada ano.

Compreendendo esses avanços, alguns movimentos da Igreja Católica começaram a por em prática novos métodos, principalmente relacionados aos meios de comunicação social, para abarcar uma quantidade maior de pessoas, pois até então, somente via rádio estava o grande poder de investimento em comunicação de massa promovido desde a década de 1950 (MARQUES, 2001).

Contudo, antes mesmo do Concílio Vaticano II, em algumas congregações, já havia uma busca por ampliar a territorialidade, como a criação de uma 'imprensa católica', projeto que remonta ao contexto do início do período republicano brasileiro. É uma das mais antigas iniciativas de propagar por meios de comunicação que superasse o isolamento da Igreja nessa área, sobretudo em relação às limitações aplicadas ainda pelo Império e que estavam em vigor no nascedouro da República.

Assim, os padres claretianos criam a revista Ave Maria (1898) que, em apenas uma década de existência, já possuía em torno de dez mil famílias assinantes. Nesse sentido, outras publicações surgiram e são representativas do período, tais como: Mensageiro do Coração de Jesus, dos jesuítas; Lar Católico, dos padres do Verbo Divino; Mensageiro do Rosário, dos dominicanos e Almanaque de Nossa Senhora Aparecida, dos redentoristas (GONÇALVES, 2008).

A Congregação Filhas de São Paulo (Paulinas) foi outra das pioneiras que investiram fortemente nessa perspectiva. A partir do lançamento de uma das mais influentes revistas católicas no mundo – a italiana *Famiglia Cristiana* (1931) – surge a versão brasileira: Família Cristã (1934), sendo aos poucos divulgada em vários Estados e ainda veiculada atualmente, com uma abrangência nacional (PAULINAS, 2010). Todas essas revistas podem ser consideradas como um dos primeiros passos na inserção pré-conciliar nos meios de comunicação e ampliação da capacidade de conquista de novos públicos em setores dinâmicos além das estruturas de territorialidades de base e derivadas.

Importante ressaltar que, há séculos, diversas irmandades religiosas "optaram" por abraçar o espaço do ensino através de escolas e faculdades e assim desenvolver seus carismas proporcionando uma maior aproximação popular. Essa "opção" tem raízes históricas e está diretamente relacionada com certa ausência do Estado em relação à educação associada ao fato de a Igreja ser por muito tempo, tradicional e inflexivelmente, a portadora e detentora do conhecimento. No Brasil, conforme Souza (2008), a Igreja Católica teve destacado papel na formação cultural do país e era a responsável pela educação formal da sociedade brasileira, até a Constituição de 1890.

Nas décadas de 1940 e 1950, a Ação Católica impulsionou formas de apostolado marcadas por alguns movimentos, tais como a Juventude Universitária Católica e a Juventude Operária Católica. Depois do Concílio Vaticano II, as questões sociais levariam a um maior desenvolvimento na América Latina e Caribe da chamada Teologia da Libertação, cujo alvo de ação são as Comunidades Eclesiais de Base (constituintes da estrutura eclesial católica) e as pastorais sociais, "atuando em uma perspectiva de crítica ao sistema social vigente e na implementação de um tipo de religiosidade que, embora valorizando a mística, não privilegia o caráter mágico da religião" (FERNANDES, 2001, p. 09). Isso remete ao pensamento de Souza (2007) quando considera que o catolicismo é caracterizado por movimentos internos que aparecem em dadas circunstâncias, por iniciativa de lideranças inspiradas e em resposta à necessidade de mudanças eclesiais defronte às constantes transformações na sociedade. Não por acaso, contemporaneamente ao Concílio Vaticano II, ocorre na América Latina o alastramento das ditaduras governamentais com seus regimes de censura política, cultural e religiosa.

A Teologia da Libertação foi perseguida e condenada pelos dois últimos líderes máximos da Igreja Católica. O Papa João Paulo II ordenou que vários padres fossem obrigados a se calar ou retratar seus pensamentos. O Papa Bento XVI, enquanto Cardeal Joseph Ratzinger, foi prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, órgão que, no passado, era responsável pela Inquisição e atualmente é destinado a analisar e defender a tradição católica e a teologia do seu clero. Durante seu período, foi responsável por desaprovar obras e pensamentos relacionados a esta concepção teológica voltada para o social. No Brasil, um dos exemplos mais conhecidos aconteceu com o silenciamento imposto ao Frei Leonardo Boff, em meados da década de 1980, por seu discurso voltado ao social e por tentar estabelecer maiores vínculos da Igreja Católica com as massas pobres latino-americanas. Nos dias atuais, o Papa considera essa corrente fundamentada no marxismo e não a reconhece como útil à Igreja Católica.

Ainda conforme Souza (2007; 2008), outros movimentos católicos nasceram e especificamente um viria a ter grande relevância e destaque: a Renovação Carismática Católica (RCC) ou comunidade de aliança e vida no Espírito Santo, originada em 1967 nos Estados Unidos. São apontadas por Armstrong (2008, p. 491) como movimento de “religiosidade instantânea”. A RCC ganhou notoriedade no Brasil no início da década de 1980, principalmente com a fundação da Comunidade Canção Nova, pelo Monsenhor Jonas Abib, em Cachoeira Paulista (SP). Atualmente, está presente em praticamente todas as dioceses brasileiras e faz uma espécie de contraponto às pastorais sociais, condenando abertamente a Teologia da Libertação.

A RCC é gerida por leigos e clérigos, com muita adesão de bispos e padres. Trouxe uma forma organizacional baseada em congressos e grandes celebrações que ocorrem em ginásios, estádios, praças públicas e sedes privadas, ampliando o modo de comunicação para as massas. Contrariamente à Teologia da Libertação, não se preocupa com as relações político-sociais e desvincula Religião e Política, tendo boas relações entre clérigos e representantes políticos de centro-direita.

A Comunidade Canção Nova teve como meta investir na evangelização que atingisse as massas e, para isso, ao longo dos últimos trinta anos estruturou-se, compondo um sistema de comunicação que engloba rádio, TV, internet, editora etc. Além desta, outros segmentos se interessaram por esse filão e entraram “no ar”, como a Rede Vida de Televisão, a TV Aparecida e a TV Século XXI que estão disponíveis em parabólicas ou canais abertos para grande parte do Brasil.

A partir da Renovação Carismática aparece um novo “pregador” na Igreja Católica e no mercado religioso que são os padres que cantam e estão nas diversas mídias, como os conhecidos Pe. Marcelo Rossi, Pe. Antonio Maria, Pe. Juarez, Pe. Fábio de Melo, Pe. Manzotti, dentre outros. Apresentam-se com artistas famosos em programas televisivos, tanto que Pe. Fábio de Melo foi eleito o “melhor cantor de 2009” em escolha feita pelo Programa Domingão do Faustão, da Rede Globo e tem seus recentes trabalhos divulgados pela gravadora Som Livre.

Da mesma maneira como existem as premiações no meu artístico popular, em 2009 a TV Século XXI criou uma premiação similar, o ‘Troféu Louvemos o Senhor’ como forma de premiar as inúmeras e crescentes bandas e cantores que aparecem no país em busca de espaço, atualmente bastante disputado e qualificado. É importante salientar a existência do Instituto Brasileiro de Marketing Católico, fundado em 1998, que tem por objetivo promover, difundir e incentivar a utilização das técnicas de marketing e comunicação entre as instituições católicas (IBMC, 2010).

Além da presença em rádio e televisão, existe uma quantidade de lideranças que mantêm portais, *sites*, *blog*, *twitter* e participação contínua na internet, divulgando seus trabalhos e ofertando seus serviços, como *shows* e presença em eventos. Por isso, algumas indagações: do púlpito às massas ou do púlpito ao palco? Há uma consciência social ou mera teatralização? São neo questionamentos ainda com bastante história a percorrer e que precisam madurar, mas não podem passar incólumes às interlocuções pelo poder de influência que possuem.

Outra corrente pioneira nas mudanças no foco pós conciliar está relacionada com a gravadora Paulina Comep, que completou 50 anos de atividades em 2010. Nascida em 1960, as gravações iniciais eram centradas em cursos de catequese e após o Concílio Vaticano II, conforme esta

apregoa, iniciou o movimento de evangelização através da música e da renovação litúrgica (PAULINAS, 2010). É lançada a chamada 'música-mensagem', pelo seu pioneiro e maior expoente, o Padre José Fernandes de Oliveira (Pe. Zezinho). Precursor na inserção nos meios de comunicação de massa, não apenas vendeu milhões de discos como caiu no gosto popular e as canções se tornaram cotidianas de grande parte da população brasileira.

Como o próprio Pe. Zezinho aborda em canções, retomando o pensamento franciscano secular, a missão é pregar a mensagem de sua religião por sobre os telhados, ruas, praças e viadutos das cidades, ou seja, não bastava mais os púlpitos é preciso expandir, sair dos salões paroquiais, das capelinhas do interior.

Com esses dois modos de encarar a prática religiosa católica, carismatismo e pastorais sociais de base dividem os espaços de influência, sendo que os primeiros vêm obtendo muito mais êxito e ampliam seus territórios e sua territorialidade com mais eficiência, se utilizando com sucesso dos meios de comunicação de massa e atualmente possuindo mais recursos econômicos, suporte administrativo, 'aval eclesial', grande atração do público jovem enquanto que o outro movimento sobrevive impulsionado por inspirações interiores, permuta de experiências e com esparso recurso logístico. Talvez seja mais comprometedor uma religião libertadora e atuante do que o contentamento pela busca da salvação. Contudo, é mais prazeroso e atrativo constituir grupos de jovens, baseados em bandas, cânticos, *shows*, ou seja, é o lado lúdico da religião que está sobressaindo-se.

### ***Believing Without Belonging***

As novas territorialidades das lideranças aqui abordadas têm promovido uma inserção de conteúdo religioso nos tradicionais territórios da clássica forma de organização da Igreja Católica, isto é, as paróquias e dioceses. Normalmente, se um representante religioso necessita ir à outra Paróquia para alguma atividade, é preciso uma autorização ou um comunicado ao Pároco que pretende realizar alguma missão (casamento, batizado, celebração de missa, romaria, evento popular etc.) Com o advento das diversas redes de televisão e internet alguns fenômenos vêm ocorrendo e essa entrada nos lares independe dessa autorização, rompendo parte dessa hierarquia clássica. Como bem analisa Oliveira (2010b, p. 01):

“De igreja em igreja ou de movimento em movimento, alguns cristãos são hoje mais peregrinos do que fiéis, mais errantes do que paroquianos, mais romeiros do que diocesanos. Não se fixam. Costumam ir atrás do mais novo astro da fé. Se o proclamado novo astro da fé entende, ele devolve seus ouvintes à comunidade ou à igreja da qual veio. Se se acha a mais nova solução para o mundo, ou o novo de Jesus, ele funda um novo movimento ou uma nova igreja marcada por sua presença, sua imagem, suas palavras e seu pensamento e chama as pessoas para segui-lo. Torna-se mais onipresente do que Deus”.

Desta maneira, uma questão refere-se à massiva entrada de programas e a presença diária nos lares de religiosos e leigos, muitos deles com dada eloquência e com ares de 'ídolos', por estarem em um patamar semelhante ao dos famosos cantores populares. Isso tem feito que muitas lideranças paroquiais, com pouca instrução, preparação e desenvoltura dividam, partilhem ou mesmo percam seus espaços e influência para os apresentadores multimídia. Certamente, os adeptos do catolicismo já conseguem fazer certas comparações apologéticas, mas, sobretudo de práxis religiosa.

Vale salientar que não somente os católicos utilizam esses meios, em relação aos chamados evangélicos pentecostais, estes também usam com muita desenvoltura os programas em rede televisiva aberta.

Uma segunda questão é quanto ao fenômeno que Azevedo (2003) chama de '*believing without belonging*', isto é, crer mesmo sem pertencer, sem necessariamente estar presente e frequentar um templo hebdomadariamente, ao menos. Com a crescente inserção na mídia fica mais confortável exercer as manifestações de fé dentro do próprio lar.

O antigo dízimo depositado nos templos pode ser transferido para os modernos depósitos automáticos ou boletos bancários, ferramentas usuais na propagação remota da fé e da instrução querigmática. A maior abrangência por via dos meios de comunicação pode e tem

levado a um esvaziamento de igrejas que ainda estão com práticas ortodoxas e não agradam e convencem aos adeptos mais esclarecidos na doutrina, graças ao impulso e dedicação de quem utiliza meios mais populares para realização de seu trabalho.

Além do mais, com o grau de violência, medo e insegurança pública, algumas Paróquias diminuíram a quantidade de cultos, escolhendo horários possivelmente menos perigosos e, nessa conjuntura, é mais cômodo rezar na tranquilidade dos lares.

O entretenimento e o turismo de caráter religioso tem sido outro ponto de investimento amplamente difundido, utilizando os canais próprios ou as inserções em outras emissoras de rádio e televisão, o que reforça o pensamento de Azevedo, pois os espaços físicos outrora utilizados estão ficando obsoletos e esvaziados quando não conseguem unir os propósitos tradicionais com as novas tendências. Nos casos onde essa união acontece, existe uma afluência em massa, como os exitosos exemplos de movimentos carismáticos.

### **Duas dimensões: *Pathein* e *Mathein***

A respeito do conceito 'crer sem pertencer', o padre José Fernandes de Oliveira em entrevista concedida ao autor (em 06/09/2010, em Juazeiro do Norte - CE) considera as duas dimensões apresentadas e exploradas por Armstrong (2008) como um resgate acerca do pensamento do filósofo grego Aristóteles: o *pathein* e o *mathein*. Em autocitação (OLIVEIRA, 2010), o entrevistado reafirma o pensamento aristotélico e considera que as pessoas, referindo-se às questões religiosas, geralmente optam mais pelo *pathein* (do grego: sentimento, experimento) do que ao *mathein* (do grego: pensamento, apreensão), mesmo sem ter conhecimento do termo e seu significado, ou seja, existe uma preferência pelo pragmatismo: os líderes religiosos que escolhem por oferecer mais 'sentimento' do que 'pensamento' ganham a fé e a adesão das pessoas. Quem apresentar mais pensamento terá um grau de dificuldade em ser ouvido, pois o *pathein* está relacionado com o sentir, experimentar, "tocar" Deus o mais rápido possível, e o *mathein* relaciona-se com o querer entender, aprofundar, usar da inteligência, algo que remonta ao período anterior à era cristã, explorado por filósofos gregos.

A priori, mesmo devendo saber que a fé necessita ser uma junção de ambos, muitos líderes trabalham na mídia somente com o sentimento, não dando o devido espaço para o 'ensinar a pensar', diz o entrevistado. A própria CNBB está muito preocupada com o avanço da territorialidade dos líderes voltados para a linha do *pathein* e conclama que a catequese, o ensino e a pregação sejam comunitários e reflexivos, já que a reflexão é a capacidade de repercutir o que existe, mas para isso é necessário o conhecimento. Um tipo de pregação que não é feita de conhecimento estará viciada no sentimento e este, isoladamente, tende a não atingir os objetivos ensejados pela CNBB.

### **Considerações finais**

O advento dos meios de comunicação de massa está trazendo recursos midiáticos que estão sendo aproveitados por vários líderes religiosos em sua penetração na sociedade, ampliando cada vez mais sua territorialidade onde, até bem pouco tempo, era restrito ao seu território delimitado por uma paróquia, escola, hospital, prelazia ou diocese. Acredita-se ser um processo sem volta e cada vez mais consolidado pois, como ressalta Marques (2001), as falhas em comunicação, mesmo que sejam uma preocupação e investimento em prática há séculos, são uma das questões que tem levado a Igreja Católica a perder espaços para igrejas pentecostais – fato que se considera aceitável, legítimo e necessário em uma sociedade democrática em um Estado laico.

Com essa perspectiva, reforça-se o pensamento de Barbosa (2010) quando diz que em tempos de pluralismo religioso, se torna fundamental que as igrejas disponibilizem um maior leque de atuação social e atividades solidárias, que consolidem suas crenças e realizem sua disponibilidade de servir, sendo coerentes com seus preceitos.

Ao longo dos séculos, a ideia de Deus transmitida nas religiões por seus líderes, intrínseca culturalmente na sociedade, adapta-se com constância para satisfazer o público alvo, por vezes crescente. Quando estas ideias perdem eficácia, tendem a desaparecer e novos espaços e métodos são buscados para arrebatam mais adeptos.

Embora com recusa e/ou lenta assimilação por parte de muitos que ainda não aceitam ou são convencidos da utilização desses instrumentos, acredita-se que dentro de um contexto latino-



americano como ação primordial de opção preferencial pelos pobres, definida desde os tempos da Conferência da Igreja Católica em Medellín (Colômbia), em 1968, a aproximação para com esses métodos pode trazer maiores frutos, mormente nas pastorais sociais, já que, aparentemente, existe uma grande preocupação com o lado espiritual e sentimental (*pathein*) e pouca atividade concreta ou reflexiva (*mathein*), ou seja, o massivo aproveitamento das lideranças em ampliar sua área de atuação é quase exclusividade dos que seguem a linha 'carismática' e não pela ala progressista que, na História brasileira, paginou inúmeras conquistas, como a pugna pela redemocratização política, pela anistia, por questões da terra, pelas pastorais carcerárias etc. Afinal, como preconiza Armstrong (2008, p. 484), os indivíduos que "se dizem cristãos, judeus ou muçulmanos tampouco deveriam compactuar com um sistema social injusto. O Deus do monoteísmo exige caridade, e não sacrifício; compaixão e não impecável liturgia".

A utilização destes meios tem um potencial como instrumento de inclusão social dos mais necessitados, já que a informação e a educação são capazes de resgatar as pessoas, inserido-as e dando suporte para conquistas de nossa sociedade. Parece ser contraditório observar a territorialidade como estratégia de controle que considera Rosendahl, justamente quando o que se vê é a crescente linha voltada para o espiritual ser a que mais cresce enquanto os documentos da CNBB propagam uma Igreja inserida na busca por uma sociedade mais equânime.

Por fim, acredita-se que inserir o estudo das territorialidades religiosas com seu campo de influência na sociedade é um esforço que impulsiona o geógrafo a lidar com temas e conceitos tão próximos que, às vezes, podem passar despercebidos ou até mesmo ignorados. A religiosidade deve ser discutida como espaço de expressão do povo construindo o espaço geográfico. Numa sociedade historicamente marcada e influenciada por 'colonizadores' ligados culturalmente ao catolicismo, o debate sobre estas questões se faz premente numa abordagem da Geografia da Religião, por isso a busca por ampliar estas análises sem querer e pretender fechar questões, mas buscando muitas outras indagações e possíveis respostas.

## REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AZEVEDO, Dermi. Desafios estratégicos da Igreja Católica. In: **Revista de Cultura e Política**. São Paulo, N° 60, pp. 57-79, 2003.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940-2007. In: **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, N° 04, ano 08, pp. 09-47, dez, 2008.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. **Sacrosanctum Concilium**. São Paulo: Paulus, 1997.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERNANDES, Silvia Regina Alves. Diferentes olhares, diferentes pertencas: Teologia da Libertação e MRCC. In: **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, N° 03, ano 01, pp. 76-92, 2001.
- FILHAS DE SÃO PAULO. **Editora Comep - 50 anos**. Disponível em: <<http://www.paulinas.org.br/50anoscomep/index.html>> Acesso em 30 de abril de 2010.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**. Estudos em Geografia da Religião. Curitiba: IBPEX, 2008.
- GONÇALVES, Marcos. Missionários da 'boa imprensa': a revista *Ave Maria* e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, N° 55, vol.28, jan/jun, pp. 63-84, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MARKETING CATÓLICO. **IBMC**. Disponível em: <<http://www.ibmc.com.br/>>. Acesso em 02 de maio de 2010.
- MARQUES, Luis Henrique. Marketing católico: resposta à concorrência pentecostal. In: **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, N° 20, jan/abril, pp. 39-46, 2001.

OLIVEIRA, José Fernandes. De volta ao catolicismo. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. \_\_\_\_\_ . **De Igreja em Igreja.** 2010b. <<http://www.padrezezinhoj.blogspot.com/2010/09/artigos-08-de-setembro.html>> Acesso em 05 de setembro de 2010.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 119-153.

\_\_\_\_\_. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 187-224.

\_\_\_\_\_. Espaço, política e religião. In: \_\_\_\_\_. & CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.) **Religião, identidade e território.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, pp. 09-38.

\_\_\_\_\_. **Território e territorialidade:** uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. 2005. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/12.shtml>> Acesso em: 06 de abril de 2010.

SOUZA, André Ricardo de. Igreja Católica e Mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição. In: **Religião e Sociedade,** Rio de Janeiro, N° 01, vol.27, pp. 156-176, 2007.

\_\_\_\_\_. As investidas católicas na mídia. In: **Revista de Estudos da Religião.** São Paulo, N° 03, ano 08, pp. 27-45, set/2008.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.